



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

O CONCEITO DE AUTISMO EM TEXTOS DE VIGOTSKI

EL CONCEPTO DE AUTISMO EN LOS TEXTOS DE VIGOTSKI

THE CONCEPT OF AUTISM IN VIGOTSKI'S TEXTS

Daniel Novaes

Universidade São Francisco e Universidade Federal de São Carlos
msdanielnovaes13@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar, amiúde, o termo “autismo” e suas recorrências em textos vigotskianos. O contexto de produção do estudo é a necessidade de aproximação de estudos de Vigotski com a questão do autismo, visto que, na contemporaneidade, pesquisas dentro dessa temática têm se fundamentado na obra do autor. Como metodologia, adotou-se a pesquisa bibliográfica de cunho histórico-cultural para apreensão do termo “autismo” em obras frequentemente utilizadas em investigações na área da Educação Especial, tais quais: *Fundamentos de defectologia*, “Thought in schizophrenia” e *A construção do pensamento e da linguagem*. A partir das leituras realizadas, infere-se que há aproximações do autor com a temática, sobretudo em seus estudos sobre a linguagem e a deficiência, em que aponta para o papel do outro, do social e da própria linguagem na constituição do sujeito. Apreende-se das obras lidas que as singularidades que constituem todos os sujeitos fazem parte de um processo de significação do homem como tal na relação que estabelece com seus outros.

Palavras-chave: Teoria sócio-histórico-cultural. Autismo. Desenvolvimento humano.

Resumen: El objetivo de este artículo es investigar el término autismo y sus recurrencias en los textos vygotskianos. El contexto en el que se produjo el estudio es la necesidad de aproximar los estudios de Vygotsky a la cuestión del autismo, dado que las investigaciones contemporáneas sobre este tema se han basado en la obra del autor. La metodología adoptada fue la investigación bibliográfica de carácter histórico-cultural, cuya aprehensión del término autismo en obras de uso frecuente en la investigación en el área de Educación Especial, tales como: *Fundamentos de Defectología*, *El Pensamiento en la Esquizofrenia* y *La Construcción del Pensamiento y del Lenguaje*. De las lecturas realizadas se infiere la proximidad del autor con el tema, especialmente en sus estudios sobre lenguaje y discapacidad, en los que señala el papel del otro, de lo social y del propio lenguaje en la constitución del sujeto. De los trabajos leídos se desprende que las singularidades que constituyen a todo sujeto son parte de un proceso de significación del hombre como tal, en la relación que establece con los otros.

Palabras clave: Teoría socio-histórico-cultural. Autismo. Desarrollo humano.

Abstract: The aim of this article is to investigate the term autism and its recurrences in Vygotskian texts. The context in which the study was produced is the need to bring Vygotsky's studies closer to the issue of autism, given that contemporary research on this subject has been based on the author's work. The methodology adopted was bibliographical research of a cultural-historical nature, whose apprehension of the term autism in works frequently used in research around Special Education, such as: *Fundamentals of Defectology*, *Thought in Schizophrenia* and *The Construction of Thought and Language*. From the readings carried out, it can be inferred that the author is close to the subject, especially in his studies on language and disability, in which he points to the role of the other, the social and language itself in the constitution of the subject. It is clear from the works read that the singularities that make up all subjects are part of a process of signification of man as such, in the relationship he establishes with others.

Keywords: Social-historical-cultural theory. Autism. Human development.



Introdução

Este artigo tem como objetivo investigar, amiúde, o termo “autismo” e suas recorrências em textos vigotskianos. É fruto de uma pesquisa de Doutorado em Educação, concluída, em que realizamos um trabalho com os alunos com autismo na educação básica em uma escola de periferia localizada no interior do estado de São Paulo. No estudo, fundamentamo-nos teórico-metodologicamente em pressupostos de Lev Semionovich Vigotski. Cientista do início do século 20 e precursor da teoria histórico-cultural, ele dedicou seus estudos à compreensão do modo como ocorre o processo de constituição do psiquismo humano. Dentro do escopo teórico-metodológico vigotskiano, o autor deste artigo tem tido especial interesse acerca das condições de desenvolvimento de pessoas com deficiência.

Atuar a partir da perspectiva vigotskiana oportunizou à sua trajetória profissional buscar realizar um trabalho de escuta e diálogo com alunos com autismo, e não sobre eles. Consideramos que essa mudança de olhar é necessária, pois as abordagens tradicionais tendem a compreender o desenvolvimento humano como fruto de estímulos e respostas, programados e condicionados, ou seja, os diálogos são sobre os sujeitos. Nessas abordagens, comumente se descreve o autismo como uma síndrome – caracterizada por apresentação de padrões de comportamento, considerados restritos e repetitivos – que prejudica o desenvolvimento da criança, especialmente, na aquisição e no uso da linguagem. Mas quando nos voltamos para o arcabouço histórico-cultural para fundamentar nossos estudos com pessoas com autismo, para além de abordagens tradicionais, notamos que há uma lacuna no que tange à relação de Vigotski com o termo “autismo”.

Ao submeter um trabalho para um congresso internacional, um avaliador comenta não ter “certeza de como a pesquisa anterior de Vigotski está associada à educação de pessoas com ASD”¹; e que “seria melhor descrever essa associação primeiro para novos leitores”. Além disso, em 1911, o psiquiatra suíço Eugen Bleuler descreve o que vem a ser o quadro de autismo (Santos; Vieira, 2017)². Porém, desse período até a descrição da síndrome em 1943, pelo médico austríaco Leo Kanner, havia uma tensão entre o autismo e a esquizofrenia por causa dos fatores diagnósticos parecidos. Como sugere Mas (2018), essa informação na literatura não é nova, mas carente de aprofundamento; o estudo mais recente que temos na

¹ Transtorno do Espectro Autista – em inglês, Autism Spectrum Disorder (ASD).

² Na literatura específica, o termo “autismo” remonta aos estudos do psiquiatra Eugen Bleuler – “Autistic thinking” (Bleuler, 1927b) e “Autistic undisciplined thinking” (Bleuler, 1927a).



temática histórica é *Transtorno do Espectro Autista – história da construção de um diagnóstico* (Mas, 2018), que investiga o percurso histórico da classificação de autismo. A partir de uma pesquisa bibliográfica, a autora pressupõe que há um desentendimento entre o que é produzido pelo saber médico-clínico e a produção científica de outras áreas.

Para explicar a descrição de autismo do ponto de vista histórico, Mas (2018) recorre aos estudos de Kanner (1943) e ressalta que a síndrome foi apresentada à clínica a partir de casos de crianças com “debilidade mental” ou “deficiência auditiva”. Nesse contexto, aparece uma problemática para além do que é ciência: a questão de vender a síndrome com diagnósticos, medicalizar, criar aparato educacional ou formar profissionais para atuarem especificamente com essas pessoas, a partir de aspectos comportamentais, ou seja, é uma forma de lucrar com ela. Por fim, em uma abordagem mais sensível, Mas (2018, p. 99) argumenta que o sujeito nessa condição “poderia ser tratado mais efetivamente pela via da singularidade”. Mas qual singularidade é essa?

Ainda assim, é importante demarcar que utilizamos o termo “pessoa com autismo”, e não “pessoa com transtorno do espectro autista”, como preconiza o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-TR5 – (American Psychiatric Association [APA], 2022), pois voltamo-nos às possibilidades de desenvolvimento oriundas de uma compreensão de corpo com base em Vigotski. Em razão do exposto,

neste estudo, utiliza-se a expressão “pessoa com autismo” e “autismos” para enfatizar que o autismo compõe o sujeito, mas não o define por completo. Nesse sentido, considera-se que os diagnósticos clínicos, que são entregues na escola, são pistas que podem auxiliar no planejamento do trabalho pedagógico a ser realizado com os estudantes com autismos, mas esse diagnóstico não pode ser interpretado como um fim em si mesmo, visto que todo sujeito é também histórico e cultural (Gonçalves, 2021, p. 113).

O que frisamos são os caminhos que se abrem – a partir da teoria histórico-cultural – às novas investigações que tensionam os limitadores presentes na própria terminologia de “autismo”.

Seguindo o objetivo elencado, dividimos este artigo em três seções, além das considerações finais. Na primeira seção, “Ao encontro do termo ‘autismo’ em textos de Vigotski”, vislumbramos entender o contexto no qual o autor se dirige às questões do autismo. Em “A relação fala e linguagem em pessoas com autismo”, olhamos para algumas características que descrevem a síndrome autística a partir de déficits sociais que marcam a fala (tida como ecológica) e a linguagem (para si) como modo hegemônico de conceber essas pessoas. A terceira seção, intitulada “A caminhada com Vigotski para compreender o autismo



na contemporaneidade”, possibilita-nos apreender práticas sociais presentes na escola a fim de redimensionarmos o que, para nós, tem sido fruto de uma visão tradicional e patologizante: o foco no diagnóstico, e não nas possibilidades de participação na escola, na rua, no comércio, enfim, em práticas sociais presentes na sociedade. Por fim, nas considerações finais, retomamos o objetivo proposto a fim de avançarmos nas discussões dos trabalhos que se fundamentam na teoria histórico-cultural para atuação com pessoas com autismo.

Ao encontro do termo “autismo” em textos de Vigotski

Este estudo é de cunho bibliográfico de abordagem histórico-cultural. Dentro dessa matriz, Prestes (2012) pontua que o rigor metodológico da pesquisa qualitativa perpassa do conteúdo geral para o específico. A autora explica: “Esse foi o modo de apresentação da pesquisa bibliográfica que encontrei, pois identificava o lugar de cada termo e conceito no âmbito da teoria” (Prestes, 2012, p. 406). Nessa proposta, destacamos os conceitos a serem estudados dentro da teoria vigotskiana e que nos conduzem nessa especificidade no todo histórico em que o conceito de autismo está inserido. Prestes (2012, p. 406) relata: “em cada análise dos conceitos eleitos, procurei argumentar com base na própria obra de Vigotski e nos trabalhos de seus colaboradores” – essa proposta da autora levou-nos a buscar pontos de diálogo com pesquisadores que trabalham via teoria vigotskiana no cotidiano das escolas.

A partir desses apontamentos, mobilizamo-nos a investigar, amiúde, o termo “autismo” e suas recorrências em textos vigotskianos. Neste texto, tomamos escritos de Vigotski nos quais ele se aproxima de alguns estudos que utilizam o termo “autismo”. Utilizamos os textos organizados na coletânea *Fundamentos de defectologia* (Vygotski, 1995a), escritos entre 1926 e 1933; o texto “Thought in schizophrenia” (Vygotsky, 1994), escrito em 1931; e a obra *A construção do pensamento e da linguagem* (Vigotski, 2009), escrita em 1934³. Em um capítulo de 1924, “Comportamento Anormal”, Vigotski (2003) anuncia seu interesse por casos atípicos, o que nos parece ser uma aproximação com a temática do autismo como síndrome, visto que, historicamente, o termo “autismo” tem sido olhado pela área da psiquiatria desde 1906, quando Plouller estuda casos de demência.

Em *Fundamentos de defectologia* (Vygotski, 1995a), a palavra “autismo” aparece no capítulo “El diagnóstico del desarrollo y la clínica paidológica de la infancia difícil” (Vygotski, 1995b), quando o autor analisa as complicações frequentes no desenvolvimento da criança

³ No Brasil, esse texto foi traduzido do russo para o português e publicado no ano de 2001 com o título *A construção do pensamento e da linguagem*.



com deficiência mental⁴. Não é o próprio Vigotski que estuda o comportamento autista, a pesquisa citada é da psiquiatra russa Grunya Yefimovna Sujareva, cujo artigo “Problemiye strukturi i dinamiki dietskij konstitutsionnij psijopatii” tem por finalidade estudar a dinâmica constituinte das psicopatias infantis. Um fato curioso sobre Sujareva é o de que ela foi obrigada a se retratar publicamente devido a seu posicionamento científico e político (Filomeno, 2011).

A partir de Sujareva, Vygotski (1995a) esclarece que existem fatores somáticos que integram a fisiologia do autismo, como os aspectos externos, de ordem social e cultural. Tais aspectos incluem o isolamento e os impedimentos de relação em um contexto social, características que demandam analisar e acompanhar as múltiplas formas pelas quais pessoas nessa condição se constituem. Ao analisar o desenvolvimento dos quadros de psicopatologia, o autor constata que a insuficiência biológica é composta pelos prejuízos psicomotores e pelas reações emocionais e de isolamento.

O começo do período escolar demanda participação no coletivo – para a pessoa com comportamento esquizofrênico, essa inserção torna-se um momento de muito estímulo social e agrava o quadro clínico. Esses estímulos, somados aos sintomas da psicopatia, formam um estado de inferioridade, culminando em uma inadequação às situações escolares e, concomitantemente, às situações da vida e às relações interpessoais. Isso acontece porque a “inadequação” e o “ser menos” estão condicionados ao desenvolvimento humano, concebido em torno da patologia, da deficiência, e não das condições oriundas do contexto social e da relação com o outro.

Do ponto de vista histórico, Sujareva (1930 *apud* Vygotski, 1995a) pontua ser no princípio do ensino escolar que começam a se apresentar as particularidades das diferenças nos comportamentos sociais, mas isso não ocorre com crianças em idade pré-escolar. Nesse período do desenvolvimento, a criança não tem um autismo expressado socialmente. Mesmo que haja elementos da fala no trato social e na comunicação, esses aspectos não podem ser um indicador do autismo porque o desenvolvimento da personalidade esquizofrênica acontece enquanto há uma inadequação no processo de adaptação ao meio social.

O contato da criança com o coletivo escolar e a não participação nas dinâmicas dialógicas, bem como o sentimento de não pertencimento, por vezes inconscientes para a criança, ocasionam o isolamento social, o “estar em si”. Na busca por superar o estar em si, a escola procura adaptar os comportamentos típicos por meio de técnicas que transgridam

⁴ O termo “deficiência intelectual” é o nome que aparece na “Convenção internacional das pessoas com deficiência”, promulgada no Brasil em 2009 (Brasil, 2009).



os comportamentos como desorganização dos ambientes e travessuras e jogos com os demais colegas. A manifestação de comportamento, “atípica”, faz com que os outros de seu coletivo governem a criança e seus modos de representar durante situações de brincadeira.

A partir da descrição do trabalho de Sujareva (1930), Vygotski (1995a) chega a três conclusões: 1. A condição não deve ser considerada como inadequação originada geneticamente, visto que é um processo dinâmico no qual uma personalidade se ambienta ao social. 2. Os sintomas podem ser percebidos na primeira infância em decorrência de um desenvolvimento irregular influenciado pelo contexto sócio-histórico-cultural. 3. Há sintomas primários e secundários; os primários orientam-se por uma insuficiência biológica, já os secundários dizem respeito ao funcionamento de estruturas internas e externas que constituem a relação da pessoa consigo e com o meio.

A descrição, análise e síntese que o autor faz a respeito do desenvolvimento da personalidade do autista e do esquizoide, a partir da pesquisa de Sujareva (1930), considera o aspecto cultural no processo de inserção cultural e em certos contextos sociais. Vygotski (1995a) salienta as particularidades e a relação entre os fatores externos (exógenos) e os fatores internos (endógenos) e pontua que tanto o “atraso mental” quanto a personalidade esquizofrênica são expressos pela complexidade da dinâmica do desenvolvimento da criança.

No caso de pessoas assim, o desenvolvimento “não é uma evolução passiva das particularidades originadas desde o início, mas é um desenvolvimento no sentido próprio da palavra, ou seja, inclui em si uma série de novas formações”⁵ (Vygotski, 1995a, p. 258, tradução nossa). O que o autor afirma são os fatores sociais e culturais atuando, também, no desenvolvimento de pessoas com autismo. Nesse caso, as novas formações tornam-se constituintes da personalidade; trata-se do modo como a fala do outro afeta o sujeito, do sentido que o outro dá ao modo como o sujeito diz, pensa, age e se singulariza, nele, por meio da significação.

No texto de 1931 “Thought in schizophrenia”, Vygotsky (1994, p. 1) destaca que “os fenômenos do desenvolvimento do pensamento no adolescente são evidentemente em geral intimamente relacionados a certos aspectos do pensamento patológico”. O pensamento do adolescente e seus períodos de viragem, ou seja, de reconhecimento de si na relação com o outro, levaram a ciência daquela época a buscar estabelecer uma ligação entre os processos psicológicos do adolescente e alguns sintomas da esquizofrenia. Para o autor, o ponto-chave de sua observação, análise e comparação dos caminhos que percorrem o

⁵ Texto original: “no es una evolución pasiva de las particularidades originadas desde el mismo inicio, pero es desarrollo en el propio sentido de la palabra, es decir, incluye en sí una serie de nuevas formaciones”.



processo de desenvolvimento do adolescente está na formação de conceitos. Ou seja, o autor parece indicar que a educação escolar é um instrumento cultural fundante na apropriação do gênero humano.

Quando Vygotsky (1994, p. 13) realiza o referido estudo, seleciona um teste que privilegia a formação de conceitos a partir da expressão metafórica “um navio para no mar”. O teste é utilizado em investigações de afasia associadas a perda de memória. Se a esquizofrenia afeta a formação de conceitos, o autor encontra em seus “pacientes um distúrbio análogo e marcado na capacidade para usar palavras em sentidos metafóricos e para compreender palavras usadas assim” (p. 13). Além desse aspecto, Vigotski cita Kurt Schneider para se referenciar aos “distúrbios na capacidade de compreender palavras usadas em sentidos metafóricos como sendo uma característica frequente de esquizofrenia” (p. 13). Tais distúrbios também eram encontrados em casos em que não havia, em evidência, um distúrbio da vida intelectual:

enquanto a mente normal não tem nenhuma dificuldade em usar palavras dadas figurativa ou metaforicamente, o mesmo problema apresenta uma dificuldade intransponível para o paciente com esquizofrenia, apesar do fato de que reteve da infância o hábito de usar figuras de linguagem, provérbios etc. Assim, muitos de meus pacientes não têm nenhuma dificuldade em ver as ramificações e generalidades mais diversificadas quando lhes é dado o provérbio russo “se você vai lentamente você chegará mais longe no final”, mas eles não podiam dar um significado geral quando a tradução russa de um provérbio francês, ‘quando o gato estiver longe os ratos brincarão’, era dada. Este eles interpretavam em seu sentido estreito, e podiam somente literalmente ver que ratos brincam quando o gato está longe (Vygotsky, 1994, p. 14).

Nessa linha de argumentação, o quadro sintomatológico do esquizoide pesquisado por Sujareva (1930) também foi estudado pelo psiquiatra suíço Bleuler⁶. Ambos os trabalhos descrevem o autismo com base em fatores fisiológicos e perpassam o entendimento da terminologia “autística”. Em nosso contexto contemporâneo, os sintomas do autismo são parecidos com os descritos pelos autores referenciados, e ainda há a marca de uma linha tênue entre as características do autismo e da esquizofrenia, como explica Elkis (2000). Das características que atravessam todas as épocas, podemos citar a fala para si, o isolamento social, a dificuldade em se relacionar com os pares em contextos sociais e a dificuldade em participar de coletivos.

Todos os descritores perpassam os trabalhos de Plouller (1906), Bleuler (1927b), Sujareva (1930), do médico austríaco Kanner (1943) e de Vygotski (1995a); estão explícitos no Manual Diagnóstico da APA (2022); e reverberam, na contemporaneidade, no cotidiano

⁶ A obra de Bleuler citada por Vigotski (2009) é: *O pensamento autístico*, de 1912.



escolar, seja pela fala do professor, seja pelo olhar dos pais – ou, até mesmo, entre os pares, nas mais diversificadas situações escolares. Dos estudos citados, podemos apreender que a linguagem se mostra como marca de uma insuficiência patológica. A fim de compreendermos o papel da linguagem na constituição da pessoa com autismo, vamos ao encontro da obra *A construção do pensamento e da linguagem* (Vigotski, 2009). Nela, o autor adentra na dimensão da análise da psique e busca compreender as raízes do pensamento e da fala.

O pensamento que surge lá nos primórdios é, segundo palavras de Piaget, uma espécie de fabulação, o princípio do prazer, que orienta o pensamento autístico, antecede o princípio da realidade que governa a lógica do pensamento racional. O mais notável de tudo isso é o fato de que a essa conclusão cheguem exatamente os psicólogos de orientação biológica, particularmente Eugen Bleuler, criador da teoria do pensamento autístico (Vigotski, 2009, p. 37).

Bleuler baseia-se no corpo como matriz biológica; de seus estudos apreendemos os termos “autismo” e “pensamento autístico”. Ao analisar estudos de Bleuler (1927b), Vigotski (2009) menciona a tentativa de aproximação entre o pensamento autístico e o autismo presente na esquizofrenia. Dado o contexto de produção da obra de Vigotski, é possível que o autor tenha tido contato com o autismo a partir dos estudos que relacionavam a patologia à esquizofrenia, do mesmo modo como abordado nos textos que compõem a coletânea *Fundamentos de defectologia* (Vygotski, 1995a).

Além disso, compreendemos que há semelhanças entre o autismo e a esquizofrenia – mesmo tendo Bleuler (1927b) proposto nomear o pensamento autístico como irrealista, essa nova nomenclatura demarca a oposição entre o racional e o real. No entanto, é importante demarcar o que diz o DSM-TR5 (APA, 2022, p. 67) acerca da relação entre autismo e esquizofrenia no diagnóstico diferencial e de comorbidades de autismo, quer dizer, aquilo, dentro dos sintomas, que pode ser considerado em outros possíveis diagnósticos:

A esquizofrenia com início na infância geralmente se desenvolve após um período de desenvolvimento normal ou quase normal. Foi descrito um estado prodrômico no qual ocorrem prejuízos sociais e interesses e crenças atípicas, que podem ser confundidos com os déficits sociais e interesses fixados restritos observados no transtorno do espectro autista. Alucinações e delírios, que são características definidoras da esquizofrenia, não são características do transtorno do espectro autista. No entanto, os médicos devem levar em conta o potencial de indivíduos com transtorno do espectro autista serem concretos em sua interpretação de perguntas sobre as principais características da esquizofrenia (por exemplo, “Você ouve vozes quando não há ninguém lá?” “Sim [no rádio]”). O transtorno do espectro do autismo e a esquizofrenia podem ocorrer concomitantemente, e ambos devem ser diagnosticados quando os critérios são atendidos.



O termo “autismo” é observado também no texto de Vigotski (2009), para explicar o desenvolvimento da linguagem tendo como ponto de partida a obra de Piaget⁷. Como terreno de discussão, o autor relaciona a lógica do sonho, o autismo puro, as relações genéticas do pensamento egocêntrico e a lógica do pensamento racional, presentes em estudos piagetianos⁸ e que marcaram época com elaborações acerca da linguagem e do pensamento da criança a partir do modelo clínico sistemático.

Na teoria piagetiana, o pensamento da criança é entendido como uma síntese quantificada de sua inteligência. Esse jeito de compreender a criança e sua inteligência colocou Piaget em oposição às ciências dominantes de sua época (o positivismo do pensamento infantil). Essa atitude do autor suíço foi considerada por Vigotski um salto qualitativo e que mudou o rumo das ciências, pois, antes de Piaget, o pensamento infantil era enumerado por suas insuficiências, pela falta; e o foco no estudo da criança era no que ela não podia realizar – depois de sua contribuição, a partir da inversão de olhar, colocou-se em evidência o que a criança tem.

Embora a novidade científica trazida por Piaget em relação à sua inversão metodológica tenha inaugurado um novo período na história, Vigotski (2009) menciona que os estudos do biólogo apresentavam ambiguidades. O que Vigotski quer dizer com isso é que, ao assegurar-se de suas comprovações, Piaget se achou imune ao pensamento tradicional. Mas o que aconteceu, na verdade, foi sua limitação aos exames dos fatos. Esse nos parece um marco que separa a unificação que muitos pesquisadores contemporâneos fazem da relação Piaget-Vigotski; como o próprio Vigotski (2009) elucida, não há fato ou hipótese que não seja clarificado por uma teoria, é primordial, antes da “descoberta”, do novo, descobrir o que constitui a filosofia do fato.

Na contemporaneidade, a abordagem piagetiana orienta muitas ações de sala de aula, sobretudo, no que diz respeito às avaliações diagnósticas de aprendizagem de alunos com autismo (Pires, 2016). Essas avaliações consideram o autismo em detrimento da pessoa e elencam, a partir de uma série de testes, o que a criança pode ou não fazer. Nesse caso, o autismo é começo, meio e fim.

De acordo com Vigotski (2009, p. 37), a partir dos planos de desenvolvimento filogenético e ontogenético – respectivamente, evolução da espécie e evolução do humano –, “o pensamento autístico não é de maneira nenhuma o primeiro degrau no desenvolvimento

⁷ Piaget é um biólogo suíço que, ao lado de estudiosos da abordagem psicológica, descreveu e caracterizou o desenvolvimento infantil em estágios. O entendimento principal da proposta piagetiana está no sentido de que conhecer implica “organizar, estruturar e explicar o mundo em que vivemos – incluindo o meio físico, as ideias, os valores, as relações humanas, a cultura de um modo mais amplo” (Cavicchia, 2010, p. 1).

⁸ Além disso, a importância histórica dos estudos equipara-se à obra *A interpretação dos sonhos*, de Freud.



intelectual da criança e da humanidade”. Ele não é primitivo, não é início nem fim para o desenvolvimento. Com esses dizeres o autor argumenta em direção à seara da evolução biológica e encontra no recém-nascido a justificativa para a tese de Piaget, para quem o pensamento autístico é o primeiro degrau e a estrutura das fases do pensamento.

Vigotski (2009) considera que os estudos de Piaget sobre a linguagem marcaram a história das teorias sobre o pensamento da criança, sua lógica e visão de mundo. A questão do egocentrismo do pensamento infantil torna-se o centro da teoria piagetiana, porque o que caracteriza para Piaget a lógica infantil é o egocentrismo. Além do mais, para o biólogo, a fala egocêntrica não tem função comunicativa, ela se configura em segundo plano e não modifica a atividade e as vivências da criança.

Mas Vigotski (2009) discorda dessa ideia e defende o caráter da internalização da fala egocêntrica, que, ao se interligar a outras funções, desenvolve e organiza a ação, se complexifica. Nas palavras de Vigotski (2000, p. 36), “a questão é: quem pensa, qual papel, que função na personalidade preenche o pensamento. O pensamento autista diferencia-se do pensamento filosófico não pelas leis do raciocínio, mas pelo papel (ética ou onanismo)”. Nesse sentido, há outro distanciamento da teoria histórico-cultural em relação à concepção piagetiana.

A teoria vigotskiana argumenta que tal fala desempenha na criança um papel único, original e singular. Para explicar, o autor traz o exemplo no qual é dificultada uma tarefa de desenho livre a ser realizada pela criança. No exercício, suprimiram-se o lápis, o papel e o lápis de colorir quando ela precisava. Como consequência, as crianças utilizavam-se da fala egocêntrica quando encontravam dificuldades para a solução de um problema, elas conversavam consigo mesmas para organizar a ação.

Dessa situação, compreendemos que a fala egocêntrica tem função de “descarga” (organizadora), ela faz parte do processo de elaboração da criança, medeia a memória e torna-se pensamento. Tal fala é um caminho indireto para a solução de um problema que está difícil de ser resolvido. Por isso, há semelhança entre a fala interior do adulto e a fala egocêntrica da criança – as duas falas são funções para si, usadas para organizar a atividade do homem. Tanto para o adulto quanto para a criança, a fala para si distancia-se da fantasia e da autossatisfação (onanismo), ela se aproxima da ação; da necessidade do caminho indireto para a solução de problema; e do pensamento racional.

Dizer que a fala do outro constitui o sujeito parece uma máxima na teoria histórico-cultural. Mas é necessário explicar o modo como ela mobiliza socialmente o sujeito, uma vez que é na relação entre a fala e a linguagem que, comumente, o autismo mostra suas características.



A relação fala e linguagem em pessoas com autismo

Nesta seção, iniciamos com uma citação para explicar o que estamos compreendendo por fala, e a seguir discorreremos sobre a relação fala-linguagem-autismo.

A fala, baseada na palavra, a unidade básica da linguagem, e na frase (ou sintagma, ou combinação de palavras) como a unidade básica da expressão narrativa, usa automaticamente essas facilidades historicamente formadas, em primeiro lugar, como um método de análise e generalização de informações recebidas, e, em segundo lugar, como um método de formular decisões e tirar conclusões. É por isto que a fala, um meio de comunicação, se tornou ao mesmo tempo também um mecanismo de atividade intelectual — um método a ser usado em operações de abstração e de generalização e uma base para o pensamento categórico. Pela distinção de certos aspectos, pela fixação das intenções e pela formulação de programas de atividade, a fala se torna ao mesmo tempo um método para regular o comportamento e para fixar o curso de processos mentais, como já descrevi. Somente pela consideração de todos esses aspectos é que se pode fazer uma abordagem apropriada da análise da atividade de fala humana, como foi estudado por psicólogos nas últimas décadas (Vygotsky, 1934, 1956, 1960; Luria, 1947, 1956, 1958b, 1961, 1966a, 1970a *apud* Luria, 1981, p. 269-270).

Como menciona Luria (1981), a estrutura da fala é dinâmica e social; agora, imaginemos como é para a criança, sobretudo com autismo, que tem, segundo diagnóstico clínico, a sua fala marcada como “ecolálica” e “para si” e desconsiderado o fator social. Na obra *Fundamentos de neuropsicologia*, Luria (1981) aborda a fala ecolálica ao discorrer sobre a fala da pessoa com lesão nos lobos frontais⁹, mas, como o autor explica, a resposta ecolálica a uma pergunta geralmente é tomada pelo sujeito e substituída por uma resposta de menor complexidade. De acordo com ele, consideramos que a fala é um meio de comunicação que utiliza a linguagem como conexão entre duas pessoas e pode ter função expressiva e receptiva.

Para iniciar sua explicação sobre a fala, Luria vai ao encontro dos processos de memória e dos distúrbios da fala, como afasia. Como ele elucida, o início da fala expressiva ainda conta com o auxílio da fala para si, que organiza o pensamento e se torna fala narrativa “generativa”. Há também a fala receptiva, oriunda do outro, que recebe aquilo que o sujeito falou e tenta decodificar, por meio da análise da expressão, o que foi dito. Compreendemos que para o autor a fala é muito mais do que expressão, recepção – como aponta Morato (2000, p. 159), por meio da fala mediada pelo outro, a criança pode se tornar tanto “sujeito quanto objeto” de seus próprios modos de se comportar.

⁹ “Encarregado do controle da ação antecipadamente, da escolha dos objetivos a serem alcançados, do planejamento, da seleção da resposta mais adequada e da inibição de outras, da atenção no acompanhamento enquanto a ação se desenrola e da verificação do resultado [...] as funções executivas envolvem a organização temporal das ações com um fim direcionado nos domínios do comportamento/cognição/linguagem” (Del Pino; Werlang, 2006, p. 128).



Conforme assinala Gonçalves (2021), ao estudar o desenvolvimento da fala da pessoa com autismo na teoria histórico-cultural, considera-se que o processo de ensino e de educação da pessoa com o diagnóstico clínico de autismo antecede a chegada do aluno na sala de aula. O rótulo em consequência da tríade autística – 1. Isolamento Social; 2. Dificuldade de interação com seus pares; 3. Gosto específico por objetos giratórios e por estabelecer padrões – parece afetar a função da fala, considerada ecológica, e da linguagem, para si. Os atores escolares comumente lidam com pessoas com autismo.

Em geral, pessoas com autismo são apresentadas ao outro por uma tipificação em detrimento da patologia, e expressões como “meu filho é autista”, “meu aluno é autista”, “tenho um primo autista”, “meu aluno com autismo é uma gracinha”, “tenho um primo com autismo que é superinteligente”, “ele é o amor da prô”, entre outras, circulam socialmente (Chiote, 2021; Gonçalves, 2021; Novaes; Freitas, 2021; Padilha, 2021).

Tais expressões parecem delimitar a pessoa em “concepções engessadas e míopes do sujeito como sendo ele o autismo” (Padilha, 2021, p. 13). Há, em contextos escolares, a exacerbada marca do diagnóstico que antecede a pessoa. Esse aspecto causa estranhamento, mas só estamos “estranhados” porque compreendemos que o homem se constitui na relação com outro, em um contexto social regido por leis históricas e culturais do desenvolvimento da espécie humana, e não como fruto de uma cadeia de comportamentos mecanizados. Mas, para nós, a fala de uma criança com autismo tem sentido, significado, é mediada pelo outro e possibilita que a criança participe de práticas sociais, como as vivenciadas na escola. Esse olhar para a fala da criança mostra-se como “possibilidades”, porque torna viável a compreensão do ser humano como fruto de um processo de desenvolvimento social.

Por mais que tenhamos trazido as considerações dos autores a respeito da fala para compreendê-la em movimento, é necessário explorar um aspecto maior: a linguagem como constituidora do humano. Ao fazermos isso, debruçamo-nos nas palavras de Vigotski (2009), que se contrapõe ao olhar psicológico hegemônico que resume a comunicação em signo, palavra e som. A palavra, entendida como fragmento da comunicação, representa um aspecto externalizado da linguagem, porém, a partir da exploração científica a esse respeito, “verificou-se que a comunicação sem signos é tão impossível quanto sem significado” (Vigotski, 2009, p. 12).

Dos excertos extraídos da obra vigotskiana, apreendemos três aspectos fundamentais para a compreensão do estar em si presente na contemporânea tipificação de autismo:



1. O caráter social da fala para si. Parece-nos que a linguagem para si da pessoa com autismo está dentro do curso real dos acontecimentos sociais e pode atuar como um modo de organizar a atividade humana, como um caminho indireto para a solução de um problema.

2. O caráter social que regula o pensamento em si. Tanto no exemplo de Vigotski quanto nos estudos de Piaget, a acepção de linguagem egocêntrica é apreendida em situações da prática, nas vivências cotidianas, ela não é fantasia – e, mesmo que fosse, estaria orientada por um aspecto do social que, para o sujeito, faz sentido.

3. O entendimento das internalizações humanas. Por mais que a linguagem egocêntrica da criança e a linguagem interior do adulto sejam estabelecidas por uma regra geral, com características semelhantes, o seu uso é inédito para cada situação na qual o sujeito a utiliza; ela singulariza-se porque as situações sociais têm, para cada sujeito, um sentido, um significado.

Musto (2014) elucida que, nas palavras de Marx e Engels (2007), a linguagem humana possibilita a tomada de consciência sobre as situações do cotidiano e a emancipação do sujeito na relação com o mundo, quer dizer, constroem-se a cultura, a teoria, a filosofia, a ciência etc. Sendo assim, os cinco movimentos que desvelam as singularidades constitutivas do homem,

fundamento do ser social de seu caráter histórico, estas dimensões ontológicas do ser social, que inclui uma consciência social e suas manifestações, não levariam por si mesmas ao estranhamento, mas já há elementos que no seu desenvolvimento anunciam este fenômeno. Para Marx e Engels, o quinto elemento, ou seja, o desenvolvimento da linguagem e da consciência, no quadro de uma distinção entre as dimensões materiais e espirituais do trabalho poderia levar ao fato da consciência “representar algo realmente, sem representar algo real” (Marx; Engels, 2007, p. 35).

As palavras que trouxemos neste texto, carregadas de significados e possíveis de apresentarem outros sentidos, encontram-se no drama da trama dialógica e enredam uma nova história a ser narrada, história essa que transgride as barreiras do olhar “bio”, do “psico” ou do social e alçam voo, realizam a catarse da constituição, possibilitam o entendimento do modo como se constitui a singularidade de uma criança diagnosticada com autismo. É na perspectiva vigotskiana que encontramos forças para humanizar e sermos humanizados como seres sociais, históricos e culturais.

Ademais, é por esse motivo que o significado de quem somos é antes significado para o outro, depois para nós. Por ser a gênese do gênero humano, pela linguagem adentra-se na dimensão das singularidades constitutivas.



A caminhada com Vigotski para compreender a temática na contemporaneidade

Os estudos tradicionais focalizam essas características e tipificam o sujeito em detrimento delas. Vigotski (2003) não desconsiderou as questões biológicas e orgânicas em seus estudos (déficit primário). Todavia, parece-nos que o autor estava preocupado com o papel dos déficits secundários, ou seja, as consequências sociais da deficiência, e se tais consequências eram mais determinantes, ou não, no processo constitutivo dos sujeitos.

Segundo o DSM-TR5 (APA, 2022, p. 56), uma das características da pessoa com autismo é a dificuldade “no desenvolvimento, manutenção e compreensão de relacionamentos, variando, por exemplo, de dificuldades em ajustar o comportamento para se adequar a diversos contextos sociais [...] em fazer amigos; à falta de interesse pelos pares”. Por exemplo, o nível de suporte 3 exige muito apoio substancial para a criança com falta de habilidade de comunicação, ou seja, “uma pessoa com poucas palavras de fala inteligível que raramente inicia a interação e, quando o faz, faz abordagens incomuns para atender apenas às necessidades e responde apenas a abordagens sociais muito diretas” (p. 59).

Pesquisadores contemporâneos têm se fundamentado na teoria histórico-cultural para realizarem suas pesquisas com pessoas com autismo (Laplane, 2018; Oliveira, Victor, 2018; Pieczkowski; Maciel; Rech, 2020; Silva, Silva, 2017), e, a fim de apresentá-los, faremos um contraponto: de um lado, a característica diagnóstica (APA, 2022), de outro, a contribuição da teoria histórico-cultural para o redimensionamento do olhar a respeito do desenvolvimento humano.

Clinicamente, algumas das características observadas para o diagnóstico de autismo são dificuldades persistentes de interação, que nas habilidades de “comunicação causam graves prejuízos no funcionamento, iniciação muito limitada de interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais de outros” (APA, 2022, p. 31). Amplificando a problematização a respeito da patologização da pessoa com autismo, em decorrência de um ensino focalizado em habilidades, Laplane (2018, p. 111) discute as “formas de participação de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo na escola”. Nos diálogos com atores escolares, a autora recolheu uma série de relatos que valorizam as habilidades da criança no processo de apreensão de novos conhecimentos. Ela elucida ainda que é preciso organizar o coletivo pensando na flexibilização da atividade. Em caso de dúvidas, o interessante é a possibilidade de retomada, em outro momento; com isso, espera-se que as crianças se sintam convidadas a participar da dinâmica da sala de aula. Compreendemos, portanto, a necessidade de



investigar os comportamentos do aluno e não assumir, de pronto, que a causa do atraso pedagógico é o autismo.

Pautadas na matriz vigotskiana, Oliveira e Victor (2018) não se prendem em tais descritores e apresentam um estudo de caso no qual analisam os modos de interação estabelecidos entre uma criança com autismo e os adultos no contexto de uma brinquedoteca. Ao trazerem o exemplo de Murilo, uma criança com autismo, notam a interação entre ele e a pesquisadora no compartilhamento de uma atividade lúdica – durante a brincadeira, o garoto mostra contentamento. Nesse estudo, as autoras demarcam a necessidade de olhar para a criança com autismo como pessoa, que se posiciona de forma ativa, porque, assim como todas as pessoas, ela também se constitui na relação com o outro, pela linguagem.

Mas esse é um movimento difícil, os professores encontram implicadores na realização do trabalho pedagógico com alunos com autismo, explicam Pieczkowski, Maciel e Rech (2020). Um dos motivos está na tomada, pelos professores, dos critérios diagnósticos como norteadores da ação docente. As autoras não partem dessa premissa; consideram que o desenvolvimento da pessoa com autismo se dá no social, a partir das experiências de mundo no papel de sujeito. Para que a pessoa com autismo seja concebida como sujeito de direitos e deveres, em sua integralidade, é necessário um ensino que focalize tarefas que façam sentido para o aluno.

Por fim, Silva e Silva (2017) analisam a brincadeira de faz de conta de crianças com autismo orientada para os recursos simbólicos que elas utilizam ao assumirem papéis sociais. A pesquisa foi realizada com seis crianças diagnosticadas com autismo, alunas de uma escola pública de Educação Infantil, e em situações lúdicas. Se as autoras considerassem que a pessoa com autismo apresenta grave prejuízo na habilidade de comunicação social verbal e não verbal, estagnariam seu trabalho por considerarem que a pessoa com autismo apresenta comportamentos restritos e repetitivos que “aparecem com frequência suficiente para serem óbvios para o observador casual e interferir no funcionamento em uma variedade de contextos. Angústia e/ou dificuldade em mudar o foco ou a ação” (APA, 2022, p. 52). Se tomassem tais características como norteadoras do trabalho, a que lugar chegariam?

Compreendemos que, no estudo de Silva e Silva (2017), o déficit primário foi redimensionado pelo modo como a criança foi compreendida no contexto social, pois uma das crianças entra na brincadeira e, com a ajuda de um amigo, sua brincadeira se desenvolve. Os estudiosos sinalizam, de seus contextos de trabalho, a necessidade de caminhos alternativos e outros recursos para que alunos com espectro do autismo se apropriem do conhecimento cultural. O que destacamos desses estudos são caminhos que se abrem a



partir da teoria histórico-cultural para novas investigações que tensionam os limitadores presentes na própria terminologia de “autismo”.

Os autores mencionados nos estudos analisados focalizam o trabalho realizado no contexto de sala de aula, não se limitam pelo diagnóstico clínico e olham para a pessoa com autismo considerando sua história e suas possibilidades de desenvolvimento. Por isso, sempre salientam a necessidade de um trabalho que envolva tarefas lúdicas, jogos, brincadeiras, a intencionalidade e, especialmente, o papel das relações sociais. Tais pesquisadores argumentam, ainda, que os alunos com autismo estão amparados pelas políticas da educação inclusiva; e demarcam a necessidade do papel dos professores de viabilizar práticas sociais, de modo a aproximar, sobretudo no contexto escolar, todas as pessoas.

Considerações finais

Neste artigo tivemos como objetivo investigar, amiúde, o termo “autismo” e suas aparições em textos vigotskianos. Ao focalizarmos o objetivo proposto, concentramo-nos nos diálogos que Vigotski teceu com Sujareva e Piaget, em momentos distintos: em *Fundamentos de defectologia* (Vygotski, 1995a), para explicar a temática do capítulo “El diagnóstico del desarrollo y la clínica paidológica de la infancia difícil” (Vygotski, 1995b); e no texto *A construção do pensamento e da linguagem* (Vigotski, 2009), ao discorrer a respeito da internalização da fala egocêntrica.

Em “La infancia difícil” (Vygotski, 1995c) há um estreitamento entre o autismo e a esquizofrenia devido à semelhança de características que ambas as síndromes apresentavam. Dessa leitura, compreendemos que o autor dá um passo além da ciência fisiológica quando menciona que os fatores externos, de ordem social e cultural, afetam o modo como o sujeito se apropria do gênero humano, e, nesse processo de apropriação, há, também, um processo de conscientização em curso, como fruto da participação, com o outro, em práticas sociais e na atuação no mundo.

Outra aparição do termo “autismo” na obra de Vigotski está no texto *A construção do pensamento e da linguagem* (Vigotski, 2009). Nessa obra, o pesquisador russo analisa estudos de Bleuler e as tentativas que os autores contemporâneos a si fizeram de relacionar o “pensamento autístico” proposto por Piaget e o autismo como patologia – cujo diagnóstico continha características semelhantes ao pensamento autístico proposto por Piaget. Para nós, essa é uma questão importante, visto que o diagnóstico de autismo que temos hoje



apresenta como possíveis características alguns comportamentos presentes no pensamento autístico e na esquizofrenia. Mas fato é que o estudo de Bleuler data de 1927, e o autismo tal como compreendemos hoje só foi descrito em 1943, por Kanner.

Algumas características do autismo atravessaram todas as épocas: a fala para si, o isolamento social, a dificuldade em se relacionar com os pares em contextos sociais e a dificuldade em participar de coletivos. Contudo, autores contemporâneos têm se embasado na teoria histórico-cultural vigotskiana para realizar intervenções pedagógicas com pessoas com autismo em contextos escolares. Tais intervenções se pautam em conceitos como: o caráter social da constituição humana; e o papel da linguagem na construção do psiquismo do sujeito e na interação intra/intersubjetiva com foco para um trabalho em que se vislumbra a apropriação, pelo sujeito, do mundo em que atua.

Por fim, destacamos de nosso estudo, que não se esgota nas páginas deste artigo, o conceito que parece ser fundamental em trabalhos com pessoas com autismo: o papel da linguagem na constituição humana. Ao enfatizarmos esse conceito, vislumbramos, assim como Vigotski, que a linguagem é fonte para processos de conscientização dos sujeitos com vistas a emancipação, humanização e participação em práticas sociais: transformação do mundo. Ademais, sigamos com Vygotsky (1994, p. 18), pois “[...] qualquer que possa ser a causa orgânica da doença, contudo, a psicologia tem direito de estudar os fenômenos associados com as mudanças na personalidade de um ponto de vista psicológico [...]”.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM TR-5)**. Washington: APA, 2022.

BLEULER, Eugen. Autistic undisciplined thinking. [Publicado originalmente em 1922]. In: RAPAPORT, D. **Organization, and pathology of thought**: Selected sources. Columbia: Columbia University, 1927a. p. 438-450.

BLEULER, Eugen. Autistic thinking. [Publicado originalmente em 1911]. In: RAPAPORT, D. **Organization, and pathology of thought**: Selected sources. Columbia: Columbia University, 1927b. p. 399-437.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto n.º 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Brasília: Presidência da República, 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm Acesso em: 20 mar. 2024.

CAVICCHIA, Durlei de Carvalho. O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA; UNIVERSIDADE VIRTUAL DO ESTADO DE



SÃO PAULO. **Caderno de Formação**: Formação de Professores: Educação Infantil: princípios e fundamentos. São Paulo: Cultura Acadêmica/Unesp/Univesp, 2010. p. 13-27. v. 1. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/224/1/01d11t01.pdf> Acesso em: 11 jun. 2020.

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. As políticas educacionais e a escolarização do aluno com autismo no ensino médio. In: SANTOS, Emilene Coco dos; GONÇALVES, Mariana Aguiar Correia Lima (org.). **Autismos**: a constituição humana a partir da abordagem histórico-cultural. Rio de Janeiro: Etnografia, 2021.

DEL PINO, Viviane; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Homicídio e lobo frontal: revisão da literatura. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 10, n. 1, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/5712> Acesso em: 20 mar. 2024.

ELKIS, Helio. A evolução do conceito de esquizofrenia neste século. **Brazilian Journal of Psychiatry**, São Paulo, v. 22, p. 23-26, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/tHc3WVC5r83N546JLCdwFTy/?lang=pt> Acesso em: 24 ago. 2021.

FILOMENO, Armando. El síndrome de Asperger ¿o de Sujareva – Asperger? **Revista de Neuropsiquiatria**, [S. l.], n. 74, v. 3, 2011. Disponível em: <https://revistas.upch.edu.pe/index.php/RNP/article/view/1688> Acesso em: 04 out. 2024.

GONÇALVES, Mariana Aguiar Correia Lima. Pensamento verbal e intencionalidade na mediação pedagógica: episódios de fala de Luana no último ano do ensino fundamental. In: SANTOS, Emilene Coco dos; GONÇALVES, Mariana Aguiar Correia Lima (org.). **Autismos**: a constituição humana a partir da abordagem histórico-cultural. Rio de Janeiro: Etnografia, 2021. p. 111-133.

KANNER, Leo. Autistic disturbances of affective contact. **Nervous Child**, Baltimore, n. 2, p. 217-50, 1943.

LAPLANE, Adriana Lia Friszman de. Confrontando a norma: modos de participação de crianças com transtorno do espectro do autismo na escola. **Horizontes**, Itatiba, v. 36, n. 3, p. 111-120, set./dez. 2018. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/709> Acesso em: 04 out. 2024.

LURIA, Aleksandr Romanovich. **Fundamentos de neuropsicologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. 3. ed. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MAS, Natalie Andrade. **Transtorno do Espectro Autista** – história da construção de um diagnóstico. 2018. 103 f. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-26102018-191739/publico/mas_me.pdf Acesso em: 04 out. 2024.

MORATO, Edwiges Maria. Vigotski e a perspectiva enunciativa da relação entre linguagem, cognição e mundo social. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, p. 149-165, 2000.



Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/mWqtNJbCSKFB4GyykVYc58z/?format=pdf>
Acesso em: 04 out. 2024.

MUSTO, Marcello. **Trabalhadores, uni-vos!**: antologia política da I Internacional. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 333.

NOVAES, Daniel; FREITAS, Ana Paula de. (Trans)formações do professor no contexto da escola de educação especial: contribuições da teoria histórico-cultural. **Colloquium Humanarum**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 32-48, 2021. ISSN: 1809-8207. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/3902> Acesso em: 04 out. 2024.

OLIVEIRA, Ivone Martins; VICTOR, Sonia Lopes. A criança com autismo na brinquedoteca: percursos de interação e linguagem. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 31, n. 62, p. 651-664, jul./set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/29281> Acesso em: 04 out. 2024.

PADILHA, Anna Maria Lunardi. Prefácio. In: SANTOS, Emilene Coco dos; GONÇALVES, Mariana Aguiar Correia Lima (org.). **Autismos**: a constituição humana a partir da abordagem histórico-cultural. Rio de Janeiro: Etnografia, 2021. p. 9-13.

PIECZKOWSKI, Silvine Inês; MACIEL, Ana Luiza Barbosa; RECH, Tatiana Luiza. Transtorno do espectro autista (TEA) e aprendizagem escolar. **Revista do Seminário de Educação de Cruz Alta**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 300-308, fev. 2020. ISSN 2595-1386.

PIRES, Sabrina da Silva. **As crianças com Transtorno do Espectro Autista e as operações lógico-matemáticas segundo a perspectiva Piagetiana**. 2016. 118 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Matemática) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Joinville, 2016.

PRESTES, Zoia. O rigor metodológico em pesquisa bibliográfica. **Ensino em re-vista**, Santa Mônica, v. 19, n. 2, p. 403-407, 2012.

SANTOS, Regina Kelly dos; VIEIRA, Antônia Maira Emelly Cabral da Silva. Transtorno do espectro do autismo (TEA): do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional. **Includere**, Mossoró, v. 3, n. 1, p. 1-14, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/includere/article/view/7413> Acesso em: 04 out. 2024.

SILVA, Maria Angélica; SILVA, Daniele Nunes Henrique. O jogo de papéis e a criança com autismo na perspectiva histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 22, n. 3, p. 485-496, jul./set. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320039191_O_JOGO_DE_PAPEIS_E_A_CRIANCA_COM_AUTISMO_NA_PERSPECTIVA_HISTORICO-CULTURAL Acesso em: 04 out. 2024.

SUJAREVA. Grunya Efimovna. Toward the problem of the structure and dynamics of children's constitutional psychopathies (Schizoid forms). **J Neuropathol Psychiatry**, v. 6, p. 64-74, 1930.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, 21, 21-44. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a02v2171.pdf>. Acesso em: 04 out. 2024.
VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Comportamento anormal. [Publicação Original de 1924]. In: **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 257- 266.



VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. Publicação original de 1934.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. **Fundamentos de defectologia**. Madri: Visor, 1995a. Coletânea de textos publicados originalmente entre 1924 e 1934.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. El diagnóstico del desarrollo y la clínica paidológica de la infancia difícil. *In*: VYGOTSKI, Lev Semionovitch. **Fundamentos de defectologia**. Madri: Visor, 1995b. p. 228 - 287. Coletânea de textos publicados originalmente em 1931.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. Thought in schizophrenia. *In*: VALSINER, J.; VAN DER VEER, R. (ed.). **The Vygotsky reader**. Oxford, UK; Cambridge USA: Basil Blackwell, 1994. p. 313-326.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Recebido em: 02/04/2024

Aceito em: 21/10/2024